

A Lingüística Atual e o Ensino de Línguas

Jorge Campos / PUCRS

A Lingüística de hoje é uma área marcada por pesquisas intensas em cada subteoria e em suas relações interdisciplinares. Após o advento de duas grandes revoluções no século XX, o Estruturalismo de Saussure e Bloomfield e o Gerativismo de Chomsky, as áreas da Fonologia/Morfologia/Lexicologia/Sintaxe/Semântica/Pragmática foram sendo, gradativamente, constituídas como ramos especializados da Teoria Lingüística, até atingirem o sofisticado status técnico que apresentam atualmente. Da mesma forma, na relação com outras disciplinas científicas, vê-se um enorme crescimento da Psicolingüística, Sociolingüística, Lingüística Computacional, etc. Em que sentido, isso produz impactos sobre a metodologia do ensino de línguas?

Inicialmente, há que se considerar que a tradição de ensino de línguas, desde o período clássico, com o Grego e o Latim, representa uma tendência de valorizar formas lingüísticas entendidas como padrão em relação a outras, consideradas populares em sentido amplo. Isso implica que há um conjunto de normas a serem seguidas, de modo a propiciar o domínio, por parte de todas as classes sociais, do idioma materno num certo nível de organização. A conseqüência histórica disso é o que chamamos de Gramática Tradicional. Este instrumento de ensino de línguas atravessa os séculos e, ainda hoje, possui um sólido enraizamento nas escolas com grande repercussão sobre a escrita em todos os contextos em que ela é exigida, como vestibulares e concursos em geral. Em que sentido, tal Gramática é desejável e eficiente?

Primeiramente, trata-se de não confundir a ciência da linguagem com a normatização de um padrão lingüístico. A primeira tem sua preocupação voltada para a descrição e explicação do fenômeno da linguagem em sua natureza humana. Trata-se de investigar o que é a capacidade da linguagem, como se a adquire e como se a põe em uso; a segunda caracteriza-se por uma atividade de regulamentação social do uso da linguagem, visando a uma padronização de formas, especialmente para a dimensão escrita. As duas atividades, em suas funções e objetivos, podem conviver sem nenhum conflito desde que sejam coisas distintas, uma em sua natureza científica, outra em sua natureza social. Por que, então, o desenvolvimento da teoria lingüística parece coincidir com uma certa crise no ensino de línguas?

Os gramáticos, desde o período clássico, foram, na verdade os primeiros sistematizadores do fenômeno lingüístico e, nesse sentido, precursores da ciência lingüística. Quando a disciplina atingiu o status de ciência, sustentada por evidências empíricas e por leis formais, a velha gramática deveria ser ajustada ao novo quadro. Ou seus fundamentos eram consistentes com o que se sabia cientificamente, ou ela corria o risco de se tornar vácuca. Os professores tradicionais, nesse contexto, ficaram um tanto confusos, misturando os aspectos descritivos da velha gramática com suas formulações normativas. A descrição tem uma natureza diversa das prescrições. A primeira constitui-se numa abordagem do fenômeno lingüístico como ele é; as segundas, da língua como ela deveria ser em seu uso social. Dado um certo caráter de valorização da ciência, rapidamente muitos professores partiram para uma crítica à Gramática Tradicional, denunciando-a em suas fragilidades e inconsistências à luz da Lingüística. Aparentemente, o ensino de línguas

deveria ser baseado nas investigações rigorosas de hoje, descartando-se a descrição tradicional. Seria isso possível?

Na verdade, trata-se de colocar o problema de forma mais adequada. A ciência lingüística não pode ter preocupações com o tipo de expressão escrita que deve ser assumida na documentação de qualquer espécie, porque isso é uma decisão da ordem da política educacional e cultural de um país. Cabe aos legisladores e homens de cultura examinarem as exigências de padrão lingüístico nos textos, como o nível de aceitação de neologismos ou estrangeirismos, por exemplo. Ao cientista, cabe manter a consistência e o rigor da investigação em que a linguagem, não cada língua, é o objeto de conhecimento. Obviamente, não deveria haver incompatibilidade entre os fundamentos descritivos da Gramática e os resultados científicos conquistados. Aceita-se, hoje, por exemplo, que a linguagem tem uma base inata. Nasce-se com a competência para adquirir uma língua e esse aprendizado tem suas regras de evolução, especialmente até a maturação do processo no cérebro/mente. Tal conhecimento, diríamos neurolingüístico, não pode ser desconhecido pelos educadores. Há um certo consenso de que as formas da sintaxe das diversas línguas são fundamentadas em princípios universais e parametrizadas de maneira particular em cada língua. Se isso é verdade, então os professores de língua não deveriam ignorar tais resultados científicos em seu trabalho na área social da linguagem. Que conseqüências se seguem disso?

É mais simples do que parece, na teoria, e mais complexo do que se pensa, na prática. Basta que as Gramáticas tradicionais sejam fundamentadas cientificamente em suas bases descritivas e que haja um planejamento mais racional sobre a normatização da escrita. Não se poderia, no primeiro caso, ignorar o que a Lingüística desenvolveu ao longo dos últimos cem anos e não se pode desconsiderar a evolução da escrita nas mídias mais complexas, eletrônicas ou de massa, no segundo. Qual a implicação de tal contexto tecnológico para o ensino de línguas?

O livro clássico era a base para a padronização do uso de uma língua. Os literatos desde a tradição clássica eram as fontes do bem escrever, conforme toda a gama de citações das velhas gramáticas. Ocorre que, hoje, o livro de ficção literária não é mais o centro de toda a formação cultural do indivíduo. Os desenvolvimentos científicos e tecnológicos nos oferecem um complexo contexto de linguagens altamente sofisticadas, desde a televisão, o rádio, os jornais e as revistas, na cultura dita de massa, bem como os chats e os e-mails da cultura eletrônica. Hoje precisamos ser orientados para ler na era digital, ou o que se poderia chamar de navegar pela linguagem. Não é possível ignorar-se essa fantástica variedade lingüística no ensino de línguas. Nesse contexto, o novo instrumento, que viesse a substituir a velha gramática, no nobre trabalho de favorecer a competência e o desempenho no uso da linguagem, deveria incorporar os resultados da ciência lingüística em seus fundamentos e reformatar os padrões de normatização na era da escrita digital.

E o que dizer sobre a fala e sobre a globalização da linguagem nesse cyberspace ? well, isso já é um outro domínio, na proposital ambigüidade do termo.

Referências informais para as considerações acima:

Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure
Knowledge of Language de Noam Chomsky
Philosophy of Linguistics de Jerrold Katz

Língua e Liberdade de Celso Luft

Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha